

APRESENTAÇÃO DO *DOSSIÊ KANT E A TRADIÇÃO CARTESIANA*

A presente edição, intitulada “Dossiê Kant e a tradição cartesiana”, traz ao leitor reflexões de alguns intérpretes de Kant sobre a tradição cartesiana e, inversamente, reflexões de alguns intérpretes da tradição cartesiana sobre a Filosofia Kantiana. Essa aproximação comparativa, por oposição ou semelhança, entre aspectos da filosofia kantiana e pontos de vista da tradição cartesiana, já vem de longa data na história da Filosofia, e continua sendo um campo muito amplo e frutífero para o debate filosófico.

Só para dar alguns exemplos, Kant declaradamente foi inspirado pela “Fisiologia” da mente humana de Locke, pela crítica ao princípio de causalidade de Hume e pela tese “ser é ser percebido” de Berkeley. Igualmente, ele censurava o “panteísmo” de Espinosa, e foi influenciado pela posição leibniziana, no debate entre Leibniz e os newtonianos, a respeito do estatuto ontológico de espaço e tempo. Enfim, sofreu influências distintas da mecânica de Newton e da dinâmica de Leibniz.

Talvez, porém, algumas das reflexões mais interessantes surjam do embate direto com a filosofia de Descartes. O que acontece é que não há, na história da filosofia moderna, dois pensadores que sejam, simultaneamente, tão opostos e tão parecidos.

Se Descartes, por assim dizer, inaugurou a filosofia do sujeito moderna, foi com Kant e sua “revolução copernicana” que esta alcançou sua expressão mais arrojada. Tal como diz Lukács, “essa revolução, que consiste em apreender o conhecimento racional como um produto do espírito, não vem de Kant, que se limitou a desenvolver-lhe as implicações *mais radicalmente* do que os seus predecessores. (...) Da dúvida metódica e do *Cogito Ergo Sum* de Descartes, passando por Hobbes, Spinoza, Leibniz, o desenvolvimento segue uma linha reta que tem por fio diretor, rico de variações, a ideia de que só podemos conhecer o objeto do conhecimento *porque e na medida* em que somos nós próprios a criá-lo” (*História e Consciência de Classe*, cap. I seção 2 “Antinomias do pensamento burguês”).

Em contrapartida, se Descartes foi o fundador da metafísica racionalista moderna, Kant foi o seu destruidor. Enquanto Descartes fez uso do argumento dos sonhos para nos fazer reféns do idealismo empírico, como pagamento por seu realismo transcendental, Kant fez o despertar do “cochilo dogmático” um expediente para nos devolver ao realismo empírico, mas agora tutelado por um idealismo transcendental.

Neste volume, trazemos sete artigos, uma resenha e a tradução de duas cartas.

O primeiro artigo, “Existence dualism in Kant and its cartesian roots”, dos professores Hemmo Laiho & Olli Koistinen, ambos da Universidade de Turku, na Finlândia, miram num ponto nevrálgico da Filosofia Kantiana: um certo dualismo de inspiração cartesiana (não restrito meramente a uma distinção no âmbito dos fenômenos) sobreviveria no interior da filosofia transcendental. Minha existência seria de um tipo *ontologicamente* diverso da existência das demais coisas. Assim, um elemento não-copernicano teria sido deixado intacto após a revolução copernicana de Kant.

O segundo artigo, “Considerações sobre a refutação do idealismo problemático”, do professor Alexandre G. T. de Soares, da Universidade Federal de Uberlândia, busca examinar como Kant, a partir da sua concepção de *cogito*, procura refutar o idealismo problemático de Descartes. O ponto central seria indagar se o próprio Kant, ao defender que a consciência-de-si depende da consciência do objeto, não estaria assumindo, também ele, pressupostos metafísicos e epistemológicos (apenas que diferentes daqueles assumidos por Descartes).

O terceiro artigo, “Análise das primeiras diretrizes metodológicas de Kant – o caso da solução kantiana à polêmica cartesiana-leibniziana das forças vivas”, do professor Fábio C. Scherer, da Universidade Estadual de Londrina, é dirigido à Filosofia da Natureza do jovem Kant (anterior, portanto, à Filosofia Crítica) e aborda a monografia de conclusão do curso de Filosofia, de Kant, entregue em 1746, cujo breve título é “*Pensamentos sobre a verdadeira estimativa das forças vivas e críticas das demonstrações empregadas pelo senhor Leibniz e outros mecanicistas nesta polêmica, ao lado de algumas considerações preliminares sobre a força dos corpos em geral*”. Para usar as próprias palavras de Scherer, “trata-se de um texto sobre ciência da natureza, mesclado com elementos da física, metafísica e matemática, em que a análise das demonstrações de Leibniz e de outros mecanicistas estão no centro da investigação”. O escopo do artigo é analisar o papel das questões metodológicas naquele que é o primeiro escrito publicado pelo filósofo alemão.

O quarto artigo, “Kant e il concetto di dinamismo nei *Principi metafisici della scienza della natura*”, do professor Francesco Mariani, da Universidade de Roma La Sapienza, também se volta para Filosofia da Natureza de Kant, e a questão é ainda o debate seiscentista em torno do conceito de força. Todavia, o interesse agora está no pensamento maduro de Kant,

que é a Filosofia Transcendental. O objetivo do artigo, fundamentalmente, é mostrar que “a reinterpretação, numa chave metafísica-transcendental, do conceito de dinamismo é um dos meios originais, detectado por Kant, para tomar posição com respeito à grande disputa do século XVII, entre mecanicismo e anti-mecanicismo”.

O quinto artigo, “Kant crítico da analogia técnica cartesiana”, dos pesquisadores Giovanni Sarto e Pedro Nagem, busca persuadir o leitor de que “uma análise, ainda que não exaustiva, do tema da analogia serve muito bem para situar a originalidade do autor da *Crítica* em relação a seus pares e, em especial, à tradição cartesiana”. E ele pretende fazer isso mostrando que a crítica Kantiana da analogia técnica que Descartes estabelece entre os animais e as máquinas, além de desenraizar o antropomorfismo que subjazia à tal analogia, mostra exatamente onde o juízo de Descartes se engana.

O sexto artigo, “Il kantismo cartesiano: Descartes e la Vorgeschichte del Criticismo”, do professor Alfredo Gatto, da universidade Vita-Salute San Raffaele, Milão, Itália, leva-nos, então, à historiografia pós-kantiana, afim de analisar o modo como esta compreendeu a relação entre Descartes e Kant. O foco está na oposição entre as interpretações de Paul Natorp e Ferdinand Alquie, sublinhando as razões teóricas e historiográficas que fazem com que Gatto incline-se muito mais para a abordagem de Alquie.

Enfim, como coroamento de todo este percurso, temos o sétimo artigo, “Il Kant dei cartesiani. A proposito del convegno del 2004”, da professora Giulia Belgioioso, da Universidade de Salento, Lecce, Itália. Este artigo também visa aos pós-kantianos e o modo como eles compreenderam a relação entre Kant e Descartes, mas o faz agora a partir da reação que, no colóquio de 2004, por ocasião do bicentenário da morte de Kant, os cartesianos – ainda influenciados por Alquie – tiveram contra o perfil geral da linha interpretativa pós-kantiana.

Além destes sete artigos, o presente volume traz ainda uma resenha, feita pelo pesquisador da Unicamp, Jonathan Alvarenga, do artigo “Princess Elisabeth of Bohemia as a Cartesian”, da comentadora Lisa Shapiro (tradutora da correspondência entre Descartes e Elisabeth para a língua inglesa, bem como pesquisadora da filosofia cartesiana). O artigo saiu publicado como o 17º capítulo do livro *The Oxford Handbook of Descartes and Cartesianism* (2019).

The last but not the least, temos a tradução para o português do pesquisador Luiz Nitsche, de duas cartas trocadas entre Descartes e a princesa Elizabeth: a primeira de *Descartes a Elisabeth*, Egmond, 15 de setembro de 1645 e a segunda sendo a resposta de *Elisabeth a*

Descartes, [Haia, 30 de novembro de 1645]. O tema central destas duas cartas é a moral, sendo que, no presente volume, estas vem acompanhadas de um pequeno texto introdutório, para ajudar na sua compreensão.

Eneias Forlin 

Universidade Estadual de Campinas – Campinas, Brasil
phorlin@gmail.com



Este é um texto de acesso aberto distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License.